



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
ORIENTADORA: VALÉRIA ANDRADE**

BRUNA MIKAELE BRAZ DE SIQUEIRA

**MARIA ROUPA DE PALHA: UM TEXTO DRAMÁTICO
PARA SE LER NA ESCOLA DO CAMPO**

**SUMÉ - PB
2013**

BRUNA MIKAELE BRAZ DE SIQUEIRA

**MARIA ROUPA DE PALHA: UM TEXTO DRAMÁTICO
PARA SE LER NA ESCOLA DO CAMPO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo, na área Linguagens e Códigos pela Universidade Federal de Campina Grande CDSA, Campus Sumé.

Orientadora: Professora Dr^a Valéria Andrade.

**SUMÉ - PB
2013**

S618m Siqueira, Bruna Mikaele Braz de.
Maria Roupas de Palha : Um texto dramático para se ler na escola do campo. / Bruna Mikaele Braz de Siqueira. – Sumé - PB: [s.n], 2013.

40 f; II.

Orientadora: Professora. Dra. Valéria Andrade.
Monografia (Graduação) – Universidade Federal de Campina Grande. Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido. Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

1.Leitura literária. 2. Texto dramático. 3. Teatro e educação. 4. Educação do campo. I. Título.

CDU: 37(043.3)

BRUNA MIKAELE BRAZ DE SIQUEIRA

**MARIA ROUPA DE PALHA: UM TEXTO DRAMÁTICO PARA SE LER
NA ESCOLA DO CAMPO.**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Educação do Campo
como requisito parcial para obtenção
do grau de Licenciado em Educação do
Campo, na área Linguagens e Códigos
pela Universidade Federal de Campina
Grande CDSA, Campus Sumé.**

Aprovado em ___/___/2013

BANCA EXAMINADORA:

**PROFESSORA DR^a. VALÉRIA ANDRADE
UAEDUC/CDSA/UFCG
ORIENTADORA**

**PROFESSOR Me. DUÍLIO CUNHA
UAEDUC/CDSA/UFCG
EXAMINADOR**

**PROFESSOR ESP. ALMIR ANACLETO DE ARAÚJO GOMES
UAEDUC/CDSA/UFCG
EXAMINADOR**

SUMÉ - PB

DEDICATÓRIA

Dedico em primeiro lugar a Deus por me dar sabedoria e me guiar em todos os momentos; as minhas duas filhas, Ana Luísa e Maria Lara que, sem dúvida, são a minha maior inspiração; ao meu esposo, Antônio Lindonberto, por toda dedicação, a minha tia Niete, por acreditar e sempre me incentivar e por último, a toda minha família e amigos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me dar sabedoria na construção desse trabalho.

À minha mãe, que mesmo sem estar mais entre nós, tenho certeza que torce por mim e me encaminha sempre para o bem.

Às minhas duas filhas Ana Luisa e Maria Lara, que são a inspiração da minha vida. Tudo que faço é pensando em vocês.

Ao meu esposo Antônio Lindonberto, por toda força e incentivo. Sem você jamais teria conseguido concluir essa etapa em minha vida.

A minha tia Niete, por me dar força e me incentivar, em todos os momentos da minha vida. Você para mim é um exemplo.

A todos que fazem parte da escola UMEIEF Senador Paulo Guerra, localizada no Assentamento Rural Mandacaru, pela acolhida e por toda ajuda e empenho para que a minha experiência fosse realizada.

A Maria Carmem por todo amor e dedicação a mim e as minhas filhas.

A toda minha família por acreditar que sou capaz e por sempre me incentivar.

À minha orientadora Valéria Andrade, por me despertar o gosto pela literatura. Você sem dúvida, para mim é um exemplo de amor à profissão.

"Um país se faz com homens e livros"

Monteiro Lobato

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é refletir sobre a necessidade de se promover a prática da leitura literária no espaço escolar do campo a partir de uma perspectiva contextualizada. Em torno disso, foi desenvolvida uma experiência de leitura junto à Escola do Assentamento Rural Mandacaru, localizado no município de Sumé-PB, tendo como foco um gênero literário praticamente desconhecido de crianças em idade escolar matriculadas em escolas de Ensino Fundamental da rede pública. Foi escolhido o texto “Maria Roupas de Palha”, de autoria da dramaturga Lourdes Ramalho, em especial por se tratar de uma reescrita de várias narrativas populares, entre as quais “Cinderela”, “Maria Tá riquinha”, “Maria- cara – de- pau”, retomadas pela autora em uma perspectiva que dialoga com o contexto sociocultural da região Nordeste.

Palavras-chave: Leitura literária. Texto dramático. Contextualização.

RESUMEN

El objetivo de esta pesquisa es reflexionar acerca de la necesidad de promoverse la práctica de la lectura literaria en el espacio escolar del campo a partir de una perspectiva contextualizada. En consecuencia, fue desarrollada una experiencia de lectura junto a la *Escola do Assentamento Rural Mandacaru*, ubicada en la ciudad de *Sumé-PB*, teniendo como foco un género literario prácticamente desconocido a los niños en edad escolar matriculadas en escuelas de enseñanza fundamental de la red pública. Fue elegido el texto "*Maria Roupa de Palha*", de autoría de la dramaturga Lourdes Ramalho, en especial por tratarse de una reescritura de varias narrativas populares, entre las cuales "*Cinderela*", "*Maria Tá riquinha*", "*Maria-cara-de-pau*" retomadas por la autora en una perspectiva que dialoga con el contexto sociocultural de la región Nordeste.

Palabras-claves: Lectura literaria. Texto dramático. Contextualización.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1:	Alunos fazendo leitura do texto dramático Maria Roup de Palha em círculo. Fonte autora do texto.....	28
Figura 2:	Alunos fazendo leitura e encenação do texto Maria Roup de Palha Fonte: Fonte autora do texto.....	30
Figura 3:	Alunos vestidos para apresentação. . Fonte autora do texto.....	31
Figura 4:	Escola UMEIEF Senador Paulo Guerra Fonte: Autora do texto.....	38
Figura 5:	Alunos esperando a apresentação da encenação Maria Roup de Palha. Fonte: Autora do texto.....	38
Figura 6:	Alunos da Escola UMEIEF Senador Paulo Guerra juntamente com a autora do texto. Fonte: Autora do texto.....	39
Figura 7:	Alunos em círculo fazendo a leitura do texto Maria Roup de Palha. Fonte: Autora do texto.....	39
Figura 8:	Canto reservada a leitura na escola. Fonte: Autora do texto. Fonte: Autora do texto.....	40
Figura 9:	Alunos realizando o jogo teatral. Fonte: Autora do texto.....	40

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UMEIEF - UNIDADE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL

LAPEC – LABORATÓRIO DE PESQUISA E PRÁTICA PEDAGÓGICA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

INCRA - INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA

PNE - PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1	A EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA	13
2.2	A IMPORTÂNCIA DA LEITURA.....	14
2.3	A IMPORTÂNCIA DA LEITURA LITERÁRIA.....	16
2.4	O TEXTO DRAMÁTICO.....	17
2.5	LOURDES RAMALHO.....	19
3	EXPERIÊNCIA DE LEITURA.....	23
3.1	.A LEITURA DO TEXTO DRAMÁTICO NA ESCOLA DO ASSENTAMENTO RURAL MANDACARU.....	23
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
	REFERÊNCIAS.....	35
	APÊNDICES.....	37

1 INTRODUÇÃO

A presente monografia relata a pesquisa desenvolvida a partir de uma experiência de leitura realizada na escola UMEIEF – Unidade Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Senador Paulo Guerra, localizada no assentamento Rural, Mandacaru, localizado no município de Sumé - PB. Atualmente a escola conta com 48 alunos e está vinculada à rede municipal de ensino. A referida experiência teve como material de base o texto dramático “Maria Roupas de Palha”, de autoria da escritora e dramaturga Lourdes Ramalho.

O interesse em desenvolver esta pesquisa se deu a partir do trabalho que realizei na referida escola quando cursei a disciplina de Laboratório de pesquisa e prática pedagógica em Educação do Campo (Lapec II), ofertada pela Universidade Federal de Campina Grande, no curso de Licenciatura em Educação do Campo. Naquele momento tive como foco a gestão da escola, porém ao longo da pesquisa pude observar que as crianças daquela escola tinham um contato com a literatura, mas não de forma contextualizada. Agora, dois anos depois, retornei para verificar, de modo sistemático, como este trabalho está sendo desenvolvido.

Para a realização da presente pesquisa, tomei como referência a escritora e dramaturga Lourdes Ramalho, pois seus textos dramáticos discutem amplamente as realidades vivenciadas por mulheres e homens da sua região do Nordeste brasileiro. O texto escolhido foi “Maria Roupas de Palha”, uma releitura da narrativa de Cinderela e outros contos infantis que poderiam despertar maior interesse nas crianças por se tratar de um texto reescrito pela autora a partir de elementos próximos à realidade delas.

Segundo Andrade e Lúcio (2008, p. 19), “os contos de encantamento são vozes que se misturam no teatro de Lourdes Ramalho. “Cinderela” (“Maria cara de Pau”, “Maria Borracheira”) são algumas narrativas, cujos motivos principais são retomados e adquirem nova roupagem no texto de Lourdes Ramalho.” Na fala destas autoras, percebemos que essa obra ramalhiana não se trata da reescrita de um conto apenas, mas de uma retomada de diversas narrativas, da família dos contos de fadas e histórias populares.

A experiência de leitura realizada consistiu em motivar as crianças da referida escola para a leitura do texto escolhido, buscando promover o contato com

textos literários do gênero dramático, a partir de textos mais próximos da realidade sociocultural destas crianças, que pudessem despertar-lhes mais interesse.

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, visou descrever e analisar uma experiência de leitura no decorrer da qual busquei trabalhar com descrição, comparação e interpretação para abrir possibilidades de intervenção e mudanças da realidade citada. Nesse sentido, a apreensão da situação vivenciada pelos educandos em sala de aula me norteou para intervir de uma forma mais direta na proposta de como trabalhar a literatura de maneira contextualizada, portanto, a proposta que desenvolvi alinha-se com a pesquisa-ação, que segundo Severino (2007, p. 120) é aquela que, além de compreender, visa intervir na situação com vistas a modificá-la.

Após o primeiro momento da pesquisa de revisão e (re)leitura do referencial teórico-metodológico adotado, fui à escola do assentamento Rural Mandacaru, dei início à investigação do objeto de estudo e à coleta dos dados. Pude observar nesse momento quais as principais dificuldades e situações existentes na escola.

Em seguida, observei as aulas da professora e a partir dos dados coletados passei a introduzir o texto da dramaturga Lourdes Ramalho no contexto dos educandos.

Feita a análise, apresentei a proposta de trabalhar com os educandos o texto “Maria Roupas de Palha”, de uma forma lúdica, contextualizada e diferenciada, para que os educandos pudessem ter acesso à obra de acordo com a sua realidade.

Primeiramente, fiz a leitura do texto Alice no “País das Maravilhas” para que os educandos tivessem contato com uma obra literária que poderia se tornar um texto dramático.

Em seguida juntamente com os educandos, fizemos a leitura do texto dramático Maria “Roupas de Palha” a leitura cênica, que foi realizada em grupo. Esse momento foi primordial para que os alunos entendessem a dinâmica e os propósitos do nosso trabalho, haja vista que eles ainda não haviam vivenciado estas experiências, ou seja, de fazer uma leitura dramatizada.

Por último, levando em consideração o interesse dos educandos, realizamos a leitura dramatizada do texto “Maria Roupas de Palha” na apresentação do Dia do Folclore.

As atividades desenvolvidas sempre foram registradas em vídeos, fotografias e um diário de pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA

A contextualização dos conteúdos vivenciados no espaço escolar é de grande importância para o cotidiano dos alunos, uma vez que tudo aquilo que é trabalhado em sala de aula tem aplicação prática em suas vidas. Desta forma, a contextualização permite ao educando perceber que o saber não é apenas um acúmulo de conhecimentos técnico-científicos, mas sim uma ferramenta que o prepara para enfrentar o mundo, permitindo-lhe resolver situações até então desconhecidas, assim ampliando o seu conhecimento do mundo. Nesse sentido, Paulo Freire (1987) afirma:

Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação. A sua irrefreada ânsia. Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é “encher” os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação. A palavra, nestas dissertações, se esvazia da dimensão concreta que devia ter ou se transforma em palavra oca, em verbosidade alienada e alienante. Daí que seja mais som que significação e, assim, melhor seria não dizê-la. (FREIRE, 1987, p.33).

Desta forma, pode-se compreender que a leitura literária para ser significativa para os educandos precisa partir, ou, pelo menos estar o mais próximo possível da realidade em que estes estão inseridos. Levando-se em consideração os saberes de mundo dos educandos, estes terão mais interesse na aprendizagem, pois se sentirão sujeitos no processo ensino/aprendizagem, dela participando de forma crítica e consciente da realidade em que vivem.

Para Freire (1994), a construção do conhecimento através do sujeito tem como base as dimensões sociais, econômicas e culturais do espaço em que ele vive suas experiências, devendo estar baseada em um diálogo permanente com todos que fazem parte do seu processo de ensino-aprendizagem do indivíduo, que

estejam dentro ou fora do espaço escolar. Isto porque a construção do conhecimento acontece a todo o momento, partindo sempre dos conhecimentos prévios dos educandos e de todas as suas experiências antes vivenciadas. O processo educativo deve sempre estar desafiando o aluno para que ele se sinta estimulado e comece a acreditar no seu potencial.

. Freire acredita que o processo de construção do conhecimento acontece a todo o momento em nossas vidas. O sujeito, a comunidade e o mundo têm um papel fundamental na construção do conhecimento individual e coletivo.

Segundo Freire (1989, p.20) "a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de escrevê-lo, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente". Ao fazer essa afirmação percebemos que o ato de ler não pode ficar restrito ao processo da leitura verbal, mas é preciso expandi-lo em todas as direções, sem, é claro, perder de vista a perspectiva do texto lido. Neste sentido, a leitura assume uma outra modalidade e se transforma em uma prática de formação do indivíduo. A importante função da leitura é promover a comunicação entre o indivíduo e sua comunidade, por possibilitar a construção do seu conhecimento sobre a cultura e sociedade em que vive.

2.2 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA

A leitura é de grande relevância no processo de formação das crianças muito antes delas irem às escolas. No ventre de suas mães os bebês conseguem fazer a leitura do mundo, sendo este um processo inicial de estímulo. Além disso, as crianças, tendo, desde muito pequenas, contato com livros e textos orais, se tornam muito mais preparadas para os estudos, para o trabalho e para a sua vida. Isso quer dizer que o contato com livros interfere no rumo da vida dessas crianças. A leitura frequente ajuda a criar facilidade com o mundo da escrita, o que, por sua vez, facilita a alfabetização e ajuda em todas as atividades escolares.

O professor e a escola têm um papel fundamental no processo de aquisição da leitura como mediadoras do conhecimento, como nos esclarece Martins (1994):

A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria

aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasia, segundo as suas dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. Assim criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou proporcionar acesso aos livros. (MARTINS, 1994, p.35).

As crianças que têm um contato com a leitura se tornam pessoas mais críticas e cientes do seu papel na sociedade. Assim, além de aprender a ler a palavra conseguem ler o mundo no qual estão inseridos, dando sentido as suas vidas.

A leitura é prática importante na vida social e cultural das crianças e não pode ser uma responsabilidade apenas da escola, mesmo sendo este o espaço de aprendizagem, valorização e consolidação da leitura. As crianças precisam ter contato com livros e ser estimuladas desde muito cedo, tanto na escola quanto em seu cotidiano fora dela.

A leitura vai além dos textos verbais, iniciando-se, na verdade, no contexto no qual estão inseridos os educandos. As pessoas que com eles convivem desempenham um papel fundamental nesse processo, pois para se dar sentido à leitura precisa-se sempre levar em consideração a situação em que estão o texto e o leitor, configurando-se assim como experiências únicas.

Segundo Martins (1994, p.32), “a leitura vai, portanto, além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele. O leitor assume um papel atuante, deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo.” Desta forma, o leitor assume o papel de dialogar com o texto formando assim seus próprios conceitos e tendo sua própria visão do objeto que foi lido.

Ao apresentar às crianças o mundo da leitura, é necessário que elas recebam apoio e incentivos para que tal prática se consolide. A participação dos adultos durante este processo de compreensão e conhecimento da leitura deste modo é, muito importante, pois é a partir das expressões e hábitos cotidianos que as rodeiam que as crianças realizam o entendimento desse universo desconhecido. Para Martins (1994):

O que é considerado material de leitura, na escola, está longe de propiciar aprendizado tão vivo e duradouro (seja de que espécie for) como o desencadeado pelo cotidiano familiar, pelos colegas e amigos, pelas diversões e atribuições diárias, pelas publicações de caráter popular, pelos diversos meios de comunicação de massa,

enfim, pelo contexto geral em que os leitores se inserem. Contextos esses permanentemente abertos a inúmeras leituras. (MARTINS, 1994, p.28).

Os conhecimentos prévios das crianças são e devem ser, valorizados, contribuindo para o processo de ensino e aprendizagem tanto da leitura como da escrita, pois a todo o momento as crianças se deparam com imagens e ilustrações que colaboram na distinção da escrita mesmo sem haver oralidade.

Segundo Freire (1982), uma vez que a leitura é apresentada à criança, ela deve ser minuciosamente decifrada, trabalhada, pois na maioria das vezes as crianças têm um contato imediato com a palavra, mas sem compreendê-la. Portanto se faz necessário apresentar o que foi descrito por tal palavra, de forma que esse objeto tenha um sentido para a criança, pois dessa maneira a busca e o gosto pelo mundo das palavras, isto é, da leitura se intensifica. Desta forma, a leitura ganha vida e sentido para as crianças construindo-se assim o hábito de sua prática.

2.3 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA LITERÁRIA

A leitura literária está relacionada ao universo das emoções e experiências humanas que as crianças vivenciam como medos, angústias, afetos, separações, situações familiares, revelando conflitos, emoções, sentimentos e situações que estão presentes nas suas vidas. Neste contexto, a literatura pode contribuir significativamente para aguçar o lado emotivo para reflexão do mundo que nos cerca: cultura, valores, conceitos e preconceitos. Para Cademartori (2012):

A criança que costuma ler, que gosta de livros de história ou de poesia, geralmente escreve melhor e dispõe de um repertório mais amplo de informações sim. Mas essa não é a principal função que a literatura cumpre junto ao seu leitor. Mesmo sem precisar discorrer sobre a função da literatura, sabemos que é o fato de ela propiciar determinadas experiências com a linguagem e com os sentidos no espaço de liberdade que só a leitura possibilita. (CADEMARTORI, 2012, p. 118).

A literatura infantil é de grande importância no desenvolvimento das crianças contribuindo significativamente no seu processo de aprendizagem, da leitura e da escrita. Além disso, sua importância está relacionada ao fato de que as crianças,

nos anos iniciais de suas vidas, estão na fase dos sonhos, desta maneira apreciando imensamente ouvir histórias relacionadas ao mundo da fantasia.

Os livros de literatura devem estar sempre presentes na vida das crianças, pois facilitam o desenvolvimento, a interação e são fonte de divertimento e prazer, além é claro, de conhecimento. Na realidade são o marco inicial de uma cultura e, por isso, é fundamental fazer parte da prática pedagógica dos professores, e do cotidiano dos pais, que têm o papel de estimular frequentemente essa prática em relação às crianças.

Candido (2004, p. 180), em seu texto o “O direito à literatura”, nos ensina que a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. Nesse sentido, a literatura nos torna pessoas mais atentas e desenvolve o nosso senso crítico. Portanto, crianças que desde pequenas são estimuladas a ler livros, desenvolvendo o gosto pela literatura, acabam tendo uma visão mais ampla e crítica sobre o mundo e a realidade que as rodeia.

2.4 O TEXTO DRAMÁTICO

O texto dramático consiste em uma produção textual literária voltada prioritariamente, mas não com exclusividade para a encenação, ou seja, é um texto escrito que narra algo por meio da ação realizada por atores que imitam personagens em um palco. Para D’ Onofrio (2007):

O texto teatral, chamado de script, é o elemento propriamente literário que o autor compõe com o fim de ser representado perante o público. É um conjunto de vários elementos estruturados que, por serem especificamente literários, podem ser submetidos ao mesmo tipo de abordagens que utilizamos para o estudo de gênero literário. (D’ONOFRIO, 2007, p. 128).

O texto dramático tem semelhanças com o texto narrativo, porém no texto dramático não há narradores e a história se desenrola inteiramente mediante ações e conversas dos personagens. Na escola o professor pode usar textos desse gênero literário para integrar os alunos, além de estimulá-los à leitura, podendo ainda contribuir para a compreensão de conteúdos ministrados em sala de aula.

O teatro é um recurso que oferece alternativas para o desenvolvimento de atividades em sala de aula que acaba chamando atenção dos alunos, pois consegue envolvê-los, estimulando sua criatividade, atenção, coordenação motora, entre outras habilidades. Para Rosenfeld (2009, p.13) “[...] um texto vira teatro quando é representado e não apenas lido ou declamado”. Desta forma é necessário e preciso que os leitores do texto se transformem em personagens entrando de fato na história.

O texto dramático é compreendido como aquele que está integrado na forma literária do drama e tem uma comunicação direta das personagens entre si, e com os que estão tendo contato com o texto. É caracterizado pela dinâmica do conflito, em que, mediante a ação de personagens, se representam ações e reações humanas vivenciadas cotidianamente. Pallottini (2005), fundamentando-se em Schlegel, afirma que:

[...] a ação é o verdadeiro prazer da vida, é a própria vida, e que sendo o homem o mais alto objeto de atividade humana, é no teatro que podemos ver seres humanos medindo forças, influenciando-se mutuamente em suas paixões, sentimentos, opiniões, modificando-se uns aos outros. (PALLOTTINI, 2005, p. 40).

A ação configura-se em textos literários escritos para a representação cênica, desta forma o texto teatral tem os elementos essenciais do texto dramático, garantindo um ritmo vivo capaz de prender a atenção do espectador que está presenciando o espetáculo, mas pode ser lido independente da encenação, como também como momento intermediário entre a leitura e a encenação. Segundo Nazareth (2013?):

A leitura dramatizada é uma encenação onde estamos privados apenas da ação física completa. Podemos ter um gesto, uma expressão facial, mas não a fisicalidade total, necessária para dar vida ao personagem e verdade à história. Quando em AÇÃO no palco. Portanto a fala, a voz, a entonação, a intenção, o subtexto têm que ser fortemente definidos para que tenhamos uma leitura viva e que permita ao ouvinte criar seu espetáculo em seu imaginário com toda a vivacidade como ele estivesse ali sendo encenado naquele momento. (NAZARETH, 2013?).

A leitura dramatizada consiste na ação, nas expressões, porém não estamos totalmente fisicamente na encenação. Esta leitura viva e vivenciada por leitores e

ouvintes leva a conhecer outros mundos, permitindo criar e recriar, mexendo com o nosso imaginário nos transportando de fato para a história.

A leitura dramatizada tem, portanto, alguns pontos de aproximação com a encenação e, quando bem realizada, pode conquistar os leitores que acabam se transformando em leitores assíduos, na medida em que, no processo desse tipo de leitura, conseguem experimentar sensações e emoções que um espectador de teatro experimenta.

É necessário que nas leituras dramatizadas o ato de representar aconteça sempre para que sejam resgatadas as emoções das cenas. Conforme ressalta Nazareth (s/d), ouvir faz parte do reagir que é a base da contracena, que mantém viva a história acontecendo ali e agora na frente do espectador, resgatando as emoções, momento a momento, dia-a-dia e para isto o ouvir e reagir é fator fundamental, instaura a verdade cênica a partir da fé cênica que o ator possui.

A leitura dramatizada, quando bem realizada, pode ser tão boa e prazerosa quanto um espetáculo teatral, com suas diferenças e semelhanças e o leitor acaba sentindo prazer, pois faz parte da história como um todo, podendo vivenciar as experiências e emoções dos personagens, entrando de fato no enredo não apenas como mero leitor mas sim como parte essencial do processo.

2.5 LOURDES RAMALHO

Em uma breve biografia sobre Lourdes Ramalho, Valéria Andrade assim escreveu:

Maria de Lourdes Nunes Ramalho, ou Lourdes Ramalho, como é conhecida literariamente, é uma escritora nascida no início da década de 1920 (23 de agosto, 1923), no sertão de Jardim do Seridó, fronteira do Rio Grande do Norte com a Paraíba, numa família de artistas e educadores: bisavô violeiro e repentista, mãe professora e dramaturga, tios atores, cordelistas e violeiros. (ANDRADE, 2012).

Vem daí, portanto, o gosto pela dramaturgia e a temática da cultura popular em seus textos, das vivências e dos costumes nordestinos. Andrade ainda salienta que:

Na infância, enquanto recebia o que havia de melhor em termos de educação formal no sertão, Lourdes Ramalho cresceu ouvindo cantorias de viola e histórias contadas por vendedores de folhetos e assim aprendeu, desde cedo, a amar sua terra e a cultura do seu povo [...] a maior parte da produção literária de Lourdes Ramalho é de textos para teatro. Seu fazer literário passa, entretanto e desde sempre, pela poesia e, ultimamente, contempla, ainda, a área da genealogia – revelando-se também aí a pesquisadora de fontes históricas, interessada em descobrir as raízes judaicas da cultura nordestina e, por extensão, da sua própria família [...].(ANDRADE, s/d).

Percebe-se que o povo simples do sertão nordestino é a grande fonte de inspiração para os textos da nossa dramaturga.

Lourdes Ramalho desde muito cedo começou a escrever textos, em especial os textos dramáticos. De acordo com Andrade, Lourdes Ramalho, nos anos de 1970 em diante, passa a ser referenciada não só na Paraíba, mas também na região Sul e Sudeste do país, primeiramente com o texto “As velhas”, tendo sua primeira montagem em meados de 1970 e ganhou uma nova montagem na década seguinte. Isto contribui para que a autora fosse consagrada como “a grande dama da dramaturgia nordestina”.

Aos 16 anos de idade, como assinala Andrade, a autora escreveu seu primeiro texto dramático, uma pequena comédia, para denunciar os problemas na instituição de ensino em que estudava, como a falta de professores qualificados, e os maus tratos dispensados aos alunos. A criticidade contida no seu texto resultou na expulsão da aluna, mas sem dúvidas serviu de estímulo para que a mesma continuasse a escrever.

A dramaturga Lourdes Ramalho traz em seus textos dramáticos as experiências de pessoas do contexto sociocultural da região Nordeste do Brasil, recriando personagens de acordo com a cultura popular. Segundo Andrade e Lúcio (2008):

em seus textos escritos para o público infantil, Lourdes Ramalho “retoma alguns contos populares tradicionais, além da literatura popular em verso, provérbios e danças dramáticas, realizando uma mistura de versos e ritmos, todos envolvidos num clima de magia, brincadeira e festa, próprio da cultura popular e do teatro infantil. (ANDRADE; LÚCIO, 2008, p. 21).

Para a presente experiência a escolha foi de trabalhar com a obra de Lourdes Ramalho por se tratar de uma dramaturga que conhece bem a realidade da região Nordeste e consegue reinventá-la criticamente em suas obras.

Desde muito cedo, como referido, a autora escreve textos dramáticos, seguindo os passos de sua mãe, que também tinha esse dom, sempre comprometida com as questões educacionais e com o propósito manter viva a cultura do lugar onde vive. Segundo Andrade:

Catalogar distintos modos de viver e de dizer o mundo de mulheres e homens nordestinos, registrando hábitos, inclusive linguísticos e alimentares, costumes e comportamentos relacionados à vida familiar e em comunidade, crenças e práticas religiosas - esta terá sido a tarefa central a que Lourdes Ramalho se devotou durante mais de vinte anos do seu ofício dramático. (ANDRADE, 2011, p. 36)

De acordo com essa afirmação, percebemos que a dramaturga tem uma grande preocupação em manter viva em suas obras a cultura a que pertence, seja no enredo, seja no modo de falar dos personagens, em seus comportamentos e características físicas, sempre buscando contextualizar suas obras em relação à realidade vivenciada por homens e mulheres da região Nordeste.

Seus textos são destinados a crianças e adultos, mas sempre com essa preocupação de retratar o espaço sociocultural em que está inserida. No texto utilizado para o desenvolvimento desta experiência, o já referido “Maria Roupas de Palha”, escrito para o público infantil, a autora reinventa a narrativa de “Cinderela”, uma menina pobre maltratada pela sua madrasta, mas que é ajudada pelos ratinhos que vivem no castelo e passa por várias dificuldades, até que, ao final, é encontrada pelo seu príncipe encantado. Em “Maria Roupas de Palha” a autora traz a história para a realidade do Nordeste brasileiro: uma menina órfã de mãe, cujo pai não tem a mínima condição de criá-la e por isso a entrega para uma senhora rica, dona de várias terras que poderá lhe dar boas condições de vida. No enredo também tem um animal, o papagaio, que a todo o momento tenta ajudar a menina a vencer várias dificuldades para cumprir sua palavra, dada em juramento, de entregar coroa e anel para a coroação real no reino do Ti-Ri-Tim-Tim. Chegando a este reino, Maria, recebida pelo príncipe, que estivera encantado na pele do papagaio, tem a

revelação de que ele a esperava para se casarem e reinarem felizes naquela terra. Para Andrade (2011, p. 49):

Maria Roupa de Palha, por exemplo, revela bem este talento da autora para o patchwork, numa mistura bem costurada de retalhos do imaginário popular em que se recriam contos de encantamento na linha de Cinderela, como O rei do vale Verde e Maria tá riquinha. (ANDRADE, 2011, p. 49).

Nesta obra em particular percebemos nitidamente os traços das tradições dos contos populares que a autora tem a preocupação de reinventar, se tornando um texto sedutor que instiga o leitor ir até o fim do enredo. Também notamos uma descrição do imaginário da região muito marcante em suas obras, além da crítica social, que aparece de forma muito significativa, mesmo não sendo esse o objetivo primeiro do texto dramático.

Nos textos de Lourdes Ramalho conseguimos viajar pelo nosso imaginário não deixando de valorizar a nossa cultura, os seus personagens são pessoas que conhecemos e que estão presentes em nosso dia-dia, seus dramas são os que vivemos, suas comidas são as que comemos, suas roupas são as que vestimos, o seu enredo e o local onde ele está se passando é o local em qual vivemos, as suas experiências são as que vivenciamos em nosso cotidiano. Desta forma entendemos que os textos da autora só nos estimulam a valorizar ainda mais a cultura nordestina a qual estamos inseridos e a nos reconhecermos como parte dela.

3 A EXPERIÊNCIA DE LEITURA

3.1 A LEITURA DO TEXTO DRAMÁTICO NA ESCOLA DO ASSENTAMENTO RURAL MANDACARU

Em uma sociedade letrada, as crianças se relacionam com o ato de ler e com a linguagem antes mesmo de ter nascido, ou seja, ainda no ventre da mãe se iniciam na aprendizagem de decodificar e interpretação muito antes de ingressar na escola. Aprender a ler significa, em um primeiro momento, aprender a ler o mundo, dar significado a ele. Diante disso, entendemos a necessidade de uma pesquisa como a que desenvolvemos, haja vista trazer a oportunidade de se repensar como a literatura vem sendo trabalhada na sala de aula, inclusive em espaços diferenciados, tais como o das escolas de assentamentos rurais, ou seja, problematizando a prática da leitura literária em relação ao contexto em que os educandos estão inseridos.

A pesquisa, aqui apresentada foi desenvolvida na escola UMEIEF Senador Paulo Guerra, localizada no Assentamento Rural Mandacaru, no município de Sumé-PB. A escola está vinculada à rede municipal de ensino e conta com duas salas de aula multisseriadas, ou seja, atende crianças das séries iniciais ao 5º ano do Ensino Fundamental I. Atualmente conta com 48 alunos matriculados e as aulas são ministradas por duas professoras. Muitas crianças moram a uma légua¹ de distância da escola numa vila chamada “Lambedouro”. Ao término da aula os educandos precisam permanecer durante horas na escola à espera do transporte escolar, que traz os alunos que estudam na zona urbana do município de Sumé, provocando-lhes desgaste e desestímulo.

Atualmente, o Assentamento conta com 100 famílias, porém uma grande parte está migrando para as cidades por falta de condições de moradia e de se manter, saindo à procura de emprego. As pessoas que vivem naquele local sentem a falta de incentivo para poder viver ali, além disso, não têm formação profissional, o que, para muitos, é uma grande lacuna, pois necessitaria de mais organização para que eles tivessem uma maior integração. Segundo alguns moradores com os quais tive a oportunidade de conversar, o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e

¹ Légua é uma antiga unidade de medidas usadas em Portugal e no Brasil equivalendo entre 6 e 7 km. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%A9gua>. Acesso em 20/10/13.

Reforma Agrária) sempre vem ao local tentando trazer mudanças, porém, segundo um dos moradores, a maioria das pessoas ali presentes não quer trabalhar em equipe mostrando-se muito individualistas e desconhecendo o verdadeiro significado de assentamento.

No primeiro contato que tive com a escola foi possível fazer um diagnóstico e conhecer a realidade da sala de aula onde a experiência seria realizada. A escola tem duas salas multisseriadas, porém escolhi a que é formada por alunos do 3º ao 5º ano, por se tratar de crianças que têm o domínio da leitura e da escrita. A sala atualmente conta com o total de 20 alunos: 6 estão matriculados no 5º ano, 5 no 4º ano e 9 no 3º ano. Deste total, três alunos que se incluem no grupo de pessoas com necessidades especiais (PNE), por apresentarem dificuldades de aprendizagem especificamente com relação às habilidades de leitura e escrita.

Neste primeiro encontro fui muito bem recebida por todos que fazem parte da escola, em especial pela professora da turma escolhida, que leciona há 10 anos e se formou em Pedagogia em 2012. Pude perceber que a escola havia passado por uma reforma e que o número de alunos aumentara em relação à minha visita anterior há alguns anos.

Nesta oportunidade, conversei com a professora para saber qual o tempo que poderia utilizar em suas aulas para realizar a minha experiência, como também conversei com os educandos, dizendo-lhes o porquê da minha presença na sala. Nesta conversa com eles tive uma grande surpresa, pois ao perguntar-lhes quem conhecia um texto dramático todos responderam que nunca tinham lido um. Na verdade eles não sabiam o que era exatamente esse texto, mas ao longo da nossa conversa percebi que eles sabiam sim, apenas nunca haviam tido contato. Consegui perceber que eles sabiam, pois logo relacionaram texto dramático com teatro.

Nenhuma criança ali presente havia ido ao teatro, nem havia participado de alguma leitura dramática. De toda maneira apresentei minha proposta de trabalhar com o texto “Maria Roupas de Palha”, da autora Lourdes Ramalho, e todos gostaram da minha idéia e se dispuseram a participar. Logo em seguida, falei um pouco sobre a autora do texto, mostrando que ela tem uma grande preocupação em retratar em suas obras a cultura nordestina, também falei brevemente sobre a estrutura do texto dramático e suas principais características. Todos ficaram atentos e levantaram algumas dúvidas.

Observei a sala de aula e pude perceber que as letras estavam muito presentes naquele espaço, havia nas paredes letras coladas e trabalhos realizados pelos educandos, em relação aos quais eles demonstraram grande valorização.

A professora informou que a sexta-feira é o dia da leitura e que nos últimos dois anos tem desenvolvido um trabalho mais intenso de leitura com os educandos, em razão da dificuldade de seus alunos em relação à prática da leitura. É importante, aqui, lembrar a afirmação de Paulo Freire, de que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”, confirmando a necessidade de se estimular a leitura desde muito cedo, não apenas textos escritos ou orais, mas todo contexto em que nos inserimos.

Na minha segunda visita à escola, a professora estava ministrando sua aula, desenvolvendo a competência/capacidade do dia, porém os alunos estavam muito ansiosos em razão da chegada de livros novos na escola. Após expor o assunto e orientar atividades relacionadas, a professora abriu espaço para os alunos terem contato com os livros novos. Juntamente com ela e com os alunos, participei da organização dos livros. Nesta ocasião, pude perceber que os alunos demonstravam gosto e interesse pelos livros e que a literatura estava presente naquele espaço escolar. Segundo Antonio Candido (1995, p.242), a vivência com algumas formas de literatura, seja na vida prática ou fora dela, dá ao homem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Desta forma, as crianças que têm o contato a literatura conseguem sair do seu mundo para um mundo imaginário, criando e recriando situações e vivenciando algo que jamais poderia ser vivenciado se não fossem os textos literários. Segundo Candido (1995):

A promoção de experiências efetivas com o texto literário na sala de aula constitui-se uma dessas vias e tem se justificado pelo modo paradoxal como a literatura, associada a esse poder de encantamento, pode chegar até nós; de um lado, organizando os sentimentos e a visão de mundo que temos; de outro promovendo atitudes de confronto com nós mesmos ou com a realidade circundante. (CANDIDO *apud* SILVA, 2011, p. 135).

O texto literário cumpre, portanto, a função de encantar as crianças, fazendo com que elas imaginem e consigam criar várias possibilidades como escrever melhor, ter um conhecimento mais amplo, além de ampliar sua visão de mundo, tornando-as muito mais críticas em relação a tudo que vivenciam, desta forma

criando suas próprias ideias e tendo suas próprias opiniões, ampliando o seu leque de conhecimentos.

Na minha terceira visita à escola, levei o livro “Alice no país das maravilhas”, do autor Lewis Carroll. Para minha surpresa, os alunos nunca haviam tido contato com o conto, porém um deles já havia visto o filme. A professora se comprometeu a levar o filme para que o resto da turma pudesse assistir.

A edição da história que levei para escola é uma edição especial, bem diferente do usual. É um livro em forma de pop-ups, ou seja, quando o abrimos, saltam de suas páginas imagens, ou seja, as ilustrações são em três dimensões. É como se estivéssemos dentro da história e, mais do que ler ou escutar o texto, pode-se “ver” a história, ou pelo menos parte dela, acontecendo à frente dos nossos olhos. Os alunos ficaram encantados, a cada página que se passava, havia um novo suspiro, pois nunca haviam visto um livro daqueles. Suas feições revelavam muita emoção, um misto de sentimento e encantamento. Foi comovente presenciar e poder proporcionar àquelas crianças o prazer por aquela leitura. Uma das alunas aproximou-se e disse: “que coisa linda, como queria ter um desse”. Fiquei emocionada por ver que estava levando um pouco de alegria naquele espaço, a cada página que lia uma nova surpresa para eles, uma espécie de encantamento. Segundo Maria Helena Martins (1994, p. 31):

[...] O ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressões do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido. (MARTINS, 1994, p.31).

Ao final da leitura da história de Alice, conversamos um pouco a seu respeito. Os alunos começaram a falar sobre os personagens, sobre como se dava o enredo e as surpresas que a cada página eles tiveram. Expliquei-lhes que aquele gênero literário era uma narrativa, mas pela forma como era apresentada se assemelhava muito a um texto dramático encenado. Eles ficaram encantados com a história e principalmente com o livro que, por si só, já encanta quem o vê. Neste mesmo dia mostrei à professora o texto “Maria Roupas de Palha”, pois gostaria que ela tivesse contato com ele antes dos alunos. Durante o período em que fiquei com as crianças lendo a história de Alice, a professora leu todo o texto e ficou encantada.

Relatou que não conseguia parar de ler, pois é muito prazeroso e que gostaria de ter acesso a outros textos dramáticos para que pudesse trabalhá-los em sala de aula. Senti uma espécie de retribuição, pois estava conseguindo atingir o meu objetivo de trazer o texto dramático para as crianças daquela escola.

No meu quarto encontro com a turma, levei o texto “Maria Roupas de Palha” para que os educandos tivessem o primeiro contato com a obra. Iniciamos realizando um jogo teatral, pois como havia notado anteriormente, alguns alunos apresentavam certa timidez ao ler em voz alta, e o jogo teatral poderia ser proveitoso para a superação desta dificuldade. O jogo escolhido foi o do espelho, em que os alunos tinham que tentar reproduzir a mesma coisa que o outro fazia. Em seguida também realizamos o jogo da escultura, em que cada um devia fazer uma escultura no colega. Foi um momento de muita descontração, em que tivemos a participação de todos os presentes, apesar de no começo terem ficado um pouco retraídos. Para Soares (2006):

A negação em entrar no jogo é uma constante quando convidamos os alunos a participar. A falta de autoestima e confiança em si mesmo é cicatrizes profundas, adquiridas a partir de um processo longo de dependência cultural, de falta de identidade de liberdade de expressão e de amor a que muitos estão sujeitos. (SOARES, 2006, p. 103).

O jogo teatral possibilita, portanto, a coleta de informações relevantes para a compreensão do papel do teatro no desenvolvimento cultural do ser humano.

Após os dois momentos de jogo teatral, propus fazermos a leitura do texto “Maria roupa de palha”. No início, eles ficaram um pouco tímidos, alguns até se negaram a participar da atividade, mas depois começaram a se soltar, e a gostar do que faziam. Distribui os personagens e já na primeira foi bastante proveitoso, pois os alunos estavam entusiasmados com o texto, querendo saber o final da história, Apesar da dificuldade de alguns para a leitura, percebi que estavam sentindo prazer e estavam encantados com aquela história da menina “Maria Roupas de Palha”. Por se tratar de um texto mais longo, fizemos a leitura apenas até a quarta cena, embora os educandos quisessem ir até o fim, para saber o desfecho da história. Em conversa com a professora, julguei que seria melhor a leitura continuar no encontro

seguinte, o que também seria uma forma de manter as crianças na expectativa de uma continuação da leitura do texto dramático.

Figura 1 - Alunos em círculo fazendo a leitura do texto dramático Maria Roup de Palha.



Fonte: Autora do texto

No quinto encontro, começamos as atividades com exercícios físicos de alongamento e, em seguida, realizamos o jogo teatral do telecomando. Nesse jogo, o aluno começa a contar uma história e quando recebe um comando outro aluno tem que continuar. Durante o jogo, os alunos mais descontraídos contaram a história de sua comunidade. Esse é um jogo muito importante, pois trabalha a oralidade dos alunos e a capacidade de improvisação.

Em seguida, retomamos a leitura de “Maria Roup de Palha”, voltando ao início do texto. A partir deste momento a leitura foi realizada, e, como os alunos já tinham um conhecimento prévio do texto, puderam lembrar-se de falas e músicas do enredo. Isso me deixou muito satisfeita, pois percebi que o trabalho com o texto dramático estava surtindo efeito desejado naquela comunidade escolar.

Desta forma começamos a leitura e todos que quiseram participar puderam ler e sentir o prazer que o texto dramático proporciona. Fomos intercalando as leituras de modo que todos pudessem participar. A princípio, os alunos ficaram tímidos como

das outras vezes, mas depois foram se soltando e a leitura do texto se tornou uma divertida brincadeira, quando foi possível notar no semblante deles muita satisfação. A leitura foi concluída com a participação de todos.

É importante ressaltar que a professora regente da sala me auxiliou e colaborou com a minha experiência todo o tempo e, apesar de nunca ter trabalhado e nunca ter tido contato com o texto dramático, nem em sua vida pessoal, nem em sua sala de aula, em um de seus relatos ela se referiu ao seu desejo de realizar uma experiência com texto dramático, mas não sabia por onde começar, onde procurar textos, como fazer esse tipo de trabalho em sala de aula. E de como estava sendo rica essa experiência tanto para ela como para os alunos presentes que estavam tendo contato com esse tipo de texto, e que gostaria de saber mais sobre o gênero e de como encontrar esse tipo de texto para ser trabalhado em sala de aula.

No sexto encontro fui para escola com o propósito de encerrar a experiência, de leitura, solicitando que as crianças escrevessem sobre que haviam lido. Mas, ao chegar à escola tive uma grande surpresa: os alunos e a professora estavam à minha espera para me informar que queriam apresentar o texto “Maria Roupas de Palha” no dia 22 de agosto, em que se comemora o dia do Folclore. Então sugeri que fosse apresentada uma leitura dramatizada de três cenas do texto por se tratar de um texto longo e do pouco tempo que se teria para o processo de encenação. Selecionamos quem iria fazer os diferentes personagens e começamos a leitura das três cenas. Apesar de conhecerem o texto, os participantes ficaram nervosos, mas conseguiram se sair muito bem. Estavam preocupados com o tempo, que provavelmente eles não conseguiriam decorar as falas dos personagens. Ao notar essa preocupação, expliquei-lhes que poderiam usar o texto na hora da apresentação, que seria, portanto, uma leitura dramatizada e não exatamente uma encenação, e que a nossa maior preocupação era que eles se divertissem e conseguissem fazer uma leitura de forma prazerosa e que não se preocupassem em decorar falas, mas sim em se divertir, imaginar, entrar de fato em um mundo imaginário que o texto dramático pode nos proporcionar. Pude então perceber como aquele texto poderia levá-los a ter outras experiências. Depois dessa conversa senti que o trabalho conseguiu fluir melhor, pois eles conseguiram relaxar e fazer a leitura de forma mais prazerosa.

Neste dia, conseguimos realizar a leitura quatro vezes. Nitidamente eles estavam gostando da experiência, um pouco tímidos, mas com uma vontade imensa de realizar um bom trabalho. Como nas primeiras três cenas do texto só há quatro

personagens, alguns tiveram que ficar de fora da apresentação, mas mesmo assim tentaram ajudar de alguma forma. Lembro claramente de uma menina que a todo momento estava lá ajudando na confecção do vestido de Maria e os outros ajudavam no que podiam. Desta forma todos participaram direto ou indiretamente da preparação da leitura encenada. A professora e eu combinamos que ela ficaria fazendo a leitura do texto com os alunos, para que eles conseguissem fazer uma boa apresentação.

Figura 2 - Alunos fazendo a leitura e a encenação do texto Maria Roupas de Palha.



Fonte: autora do texto

O sétimo encontro foi realizado no dia 22 de agosto, Dia do Folclore, com a apresentação das três cenas do texto “Maria Roupas de Palha”. Ao chegar à escola, os alunos estavam trabalhando na produção da peça: uns ajudavam a vestir os colegas, outros “passavam” o texto, enquanto alguns ajudavam na organização da sala de aula e podíamos notar como eles estavam ansiosos e felizes com a realização do trabalho. Como também era o Dia do Folclore, havia uma exposição de trabalhos manuais realizados pelas pessoas do Assentamento e comidas típicas que eles mesmos tinham feito junto com a professora no dia anterior. Também fizeram brincadeiras típicas da região e todos estavam envolvidos nas atividades.

Enfim, pais de alunos e pessoas da comunidade começaram a chegar para a apresentação. Os alunos começaram a se organizar, a professora dirigiu-se aos

presentes informando que a apresentação a seguir era o resultado da minha pesquisa e que estava muito feliz, pois sempre tivera o desejo de trabalhar o texto dramático, porém nunca havia tido oportunidade e também não sabia como começar. Falou ainda que o texto “Maria roupa de palha” seria apresentado na zona urbana no final do ano como resultado dos trabalhos desenvolvidos durante o ano letivo na escola. Após isto, os alunos deram início à apresentação. Todos ficaram encantados. Foi um momento de muita satisfação, tanto para mim quanto para todos que ali se faziam presentes.

Os alunos, como se podia esperar, ficaram tímidos e apesar de todos os ensaios resolveram fazer a apresentação lendo o texto, ou seja, de fato realizaram um experimento de leitura dramatizada.. Percebeu-se que eles liam o texto apenas como suporte, mas sabiam cada fala das três cenas preparadas. Ao término, uma das mulheres da comunidade pediu para dar um depoimento, dizendo que havia voltado a estudar, que estava vendo na escola o texto dramático e que estava encantada porque era um texto que lhe dava a “possibilidade de ser outra pessoa e viver em outros mundos” e que estava muito feliz por ver que aquelas crianças já estavam podendo vivenciar esse encanto.

Figura 3 - Alunos vestidos para apresentação da peça “Maria Roupa de Palha”



Fonte: Autora do texto

A experiência realizada trouxe-me grande realização e satisfação: eu havia conseguido cumprir meus objetivos. Todas aquelas crianças agora sabiam o que era um texto dramático e as diversas possibilidades de leitura que ele pode nos proporcionar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de leitura aqui apresentada trouxe relevância em relação à necessidade de se promover a prática da leitura literária no espaço escolar.

Na escola onde foi desenvolvida a experiência, constatou-se que há o gosto e interesse pela leitura de textos literários, tanto por parte dos alunos quanto por parte da professora. Na verdade, esta revelou grande preocupação no que se refere a incluir a leitura literária no cotidiano da sua turma de alunos. No entanto, verificou-se que, em relação ao gênero dramático, nem mesmo a professora havia tido até então experiência de leituras significativas.

Desta forma, percebo que minha experiência foi de grande relevância no espaço onde foi realizada, pois deu a possibilidade dos alunos terem contato com uma literatura contextualizada, como também com o texto dramático, gênero literário de que ainda não haviam se aproximado.

Conforme referi anteriormente, a literatura, quando apresentada e vivenciada no espaço da escola a partir de uma proposta que leve em conta o contexto sociocultural dos leitores, pode, a exemplo da dramaturgia de Lourdes Ramalho, contribuir para que os educandos se interessem pela leitura. Pude perceber total interesse em nossos encontros, quando os textos foram lidos de forma entusiasmada. Percebia-se o prazer nas leituras realizadas, pois os alunos se identificavam não só com os personagens, mas também com o enredo e dessa forma a leitura fluiu naturalmente, sem qualquer necessidade ou impressão de algo imposto.

Ver aquelas crianças lendo e sentido um enorme prazer, gostando e se sentido extremamente alegres, pois além de ler estavam incorporando, literalmente, a história, eles, que nunca haviam tido nenhum tipo de contato com o teatro, agora estavam sendo os protagonistas do enredo. Era nítida a expectativa e o entusiasmo que eles experimentavam em apresentar para a escola e para todos da comunidade a leitura encenada da peça Maria Roupas de Palha da escritora paraibana Lourdes Ramalho.

Lourdes Ramalho é referência nacional quando se trata de textos dramáticos, principalmente em relação ao Nordeste, onde a autora retrata as

características regionais, do povo, da cultura, a oralidade, enfim, a nordestinidade. Seus textos são, portanto, uma porta de entrada para os alunos adentrarem no universo da leitura e dessa forma construir o seu conhecimento.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Valéria. Lourdes Ramalho: viver e fazer viver a vida e o teatro. In: RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. **A Feira, O trovador encantado**. Organização de Ria Lemaire. Campina Grande: EDUEPB, 2012, p. 29-51.

_____. **Quem é Lourdes Ramalho**. Disponível em: <http://www.lourdesramalho.com.br/vida/index.htm>. Data de acesso: 15/09/2013.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CANDIDO, Antonio. O Direito à Literatura In: Vários Escritos. 4.ed. Rio de Janeiro: [S.N], 2004.

D' ONOFRIO, Salvatore. **Forma e sentido do texto literário**. São Paulo: Ática, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MARTINS, Maria Helena. **O que é Leitura**. São Paulo: Brasiliense: 1994, P. 7-35. (primeiros passos, 74).

NAZARETH, Carlos Augusto. **Como realizar uma leitura dramática?** Disponível em: http://www.cepetin.com.br/index.php?page=artigos_texto&artigo_texto=12. Acesso em: 09/09/2013.

PRADO, Décio de Almeida. A personagem no teatro. In: ROSENFELD, Anatol et Al. **A personagem de ficção**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 1981. p. 83-101.

RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. **A feira: o trovador encantado**. LEMAIRE, Rita (org.). Campina Grande: EDUEPB, 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Maria Célia Ribeiro da. A Experiência Remontada: vivências com o texto literário na escola. In: PINHEIRO, Helder (org). **Pesquisa em Literatura**. Campina Grande, Bagagem, 2011. P. 135-184.

SOARES, Carmela. Teatro e Educação na Escola Pública: uma situação de jogo. In: TAVARES, Renan (org.). **Entre coisas e recreios**: recortes da produção carioca sobre o ensino do teatro. São Caetano do Sul, SP: Yendis, 2006. p. 97-112.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a Literatura Infantil Brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

_____. Yes, nós temos Teatro. In:_____ **Como e Por que ler Literatura Infantil Brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

APÊNDICES

Figura 4 - Escola UMEIEF Senador Paulo Guerra



Fonte: Autora do texto

Figura 5 - Alunos esperando a apresentação da encenação Maria Roupas de Palha.



Fonte: Autora do texto.

Figura 6 - Alunas da Escola UMEIEF Senador Paulo Guerra juntamente com a autora do texto



Fonte: Autora do texto

Figura 7: Alunos em círculo fazendo a leitura do texto Maria Roupas de Palha



Fonte: Autora do texto

Figura 8 - Canto reservada a leitura na escola.



Fonte: Autora do texto

Figura 9 - Alunos realizando o jogo teatral.



Fonte: Autora do texto.